

Núcleo de Estudos Rurais

4º Fim de tarde rural.

Tema: Viola, poesia e educação rural: com a participação dos irmãos Parcival, Oscavú e José Coelho.

Apresentadores: Alda Maria Borges (UCG) e Carlos Rodrigues Brandão (FE/UFG)

Data: 26/09/2002 – 17h

Local: Mini-auditório –FE/UFG

Homem 1: Carlos Rodrigues Brandão

Homem 2: Jadir de Moraes Pessoa

Carlos Brandão – Olha aqui a fotografia que bonita! Olha aqui gente! Olha pra isso! Aqui, olha. Não dela! Quer ver olha.

Jadir – Da autora?

Carlos Brandão – Olha aqui gente! Olha, olha!

Jadir – Ah, legal! Bom, a natureza e suas belezas. Quem quiser comprar esse tá de quanto? R\$ 5,00. Tá bom. Os preços hoje estão camarada, viu. Bom, então, é...a Jackeline tá com os livros aqui, se alguém quiser comprar até o final da nossa atividade. Então, sem mais...

Carlos Brandão – Delongas!

Jadir – ...delongas, professora Alda da Católica e Carlos Brandão daqui da casa. Por favor, tomem conta que eu vou pra...pra arquibancada, eu vou pra geral agora.

Alda – Vai pra geral!

Carlos Brandão – Nós vamos fazer igual moda de viola: a Alda vai na primeira e eu faço a beirada!

Alda – O contrário: você vai de primeira eu vou de segunda!

Carlos Brandão – Eu não sei se precisa sentar, mas é bom porque vai demorar. Só federal?

Jadir – (Fala incompreensível)

Carlos Brandão – Podia ser sem microfone?

Alunos – Pode. Pode.

Carlos Brandão – Então, a turma lá de trás gente, vocês estão ouvindo bem ou vale a pena chegar, porque vai ficar tão ruim, passa pra um passa pra outro, não é? Então pronto.

Jadir – Mas deixa ele...ele lá perto. Se algum aluno...

Carlos Brandão – Fica perto.

Jadir – Se precisar.

Carlos Brandão – É. Isso.

Alda – Vamos chamar os três, não é Carlos, pra estar comandando a conversa, não é?

Carlos Brandão – Já chama!

Alda – Já chama.

Carlos Brandão – Já chama de uma vez!

Alda – Vamos embora então! Aqui está o Oscavú. Vem então Oscavú pra tá conosco, Parcival está aqui do lado. Os três irmãos. Vem aqui o...Zé, Zé Coelho.

Carlos Brandão – Parcival tá de chapéu.

Alda – Tá de chapéu.

Parcival – Ganhei há pouca hora.

Alda – É...Agora, acho que o papo bom vai ser a gente já sentado, né gente.

Carlos Brandão – É. Vamo...vamos sentar.

Alda – Porque conversar em pé é muito sem graça!

Parcival – É! Tem gente aí com a cabecinha meia branca.

Alda – É, pois é. Interessa se você que pôr um som aqui pra começar, né? Vamos começar sentado, não é.

Carlos Brandão – Gente, então...é...enquanto os três irmão vão sentando e mais a Federal, se a...se a Isa quiser também a gente arruma uma cadeira, viu?

Isa – Não, bem, qualquer coisa...

Alda – Senta aqui do ladinho.

Isa – Sento aqui.

Jadir – Bem ali olha.

Carlos Brandão – Tá bom.

Alda – Tá bom.

Carlos Brandão – Mas, Jadir me pediu pra falar umas...muitas coisas, porque ele não quis fazer uma introdução mais longa, então eu vou falar um pouquinho depois eu acho que devia a Alda, não é, arrematar, ela tem muito mais vivência que eu, e logo os três irmãos. A gente estava inclusive combinando um pouquinho como é que seria esse nosso dia de hoje, essa nossa tarde, o Fim de Tarde Rural. É...eu queria...é...apresentar essas três pessoas tão queridas aqui, lembrando um fato que aconteceu faz poucos dias a última vez que eu estive aqui, tivemos um Fim de Tarde também muito gostoso, e logo no dia seguinte fomos pra Goiás. E quando chegamos em Goiás...é...pra surpresa nossa, eu não sabia, estava havendo a romaria dos mártires, o Moçâmidés, saindo inclusive de Mirandópolis, antes chamada de Troca... Troca Tapa e foi a pé até a cidade de Moçâmidés. Eram quase cinco mil pessoas vindas de vários lugares, não é, dessa romaria. E eu estou contando um pouquinho dessa história porque, eu me lembro muito bem, já na caída da noite, na hora que eu...eu ia caminhando um pouquinho com cada uma das pessoas que eu não via há muito tempo. Encontrei amigos e amigas da diocese de Goiás e de outros campos de militância por esse Goiás. Íamos nós pela estrada cantando, rezando, lembrando inclusive em três paradas os que morreram assassinados, não é, na década de 70, 80 e 90 até chegarmos a...a Moçâmidés, inclusive duas viúvas de lavradores mortos, não é, é...estavam presentes e falaram. E eu me lembro de um momento muito tocante em que eu andando de repente encontro em minha frente Dom Tomás que talvez algumas pessoas conheçam muito de nome, outras quem sabe até de vivência. Oitenta anos ele faz agora em trinta e um de dezembro, oitenta anos. E lá ia o velho Tomás que já não é mais o bispo de Goiás que voltou a ser o frade humilde e militante, não é, toda vida, e com passos tão bom que ficava difícil acompanhar, inclusive na subida, aquela subidona pra chegar em Moçâmidés. E eu me lembro que...teve um certo momento em que me veio essa imagem a respeito de alguma coisa que a gente conversava poucos dias antes aqui em Goiânia mesmo. E eu conversava com as pessoas aqui, aqui na faculdade, e dizia que nós a tal ponto somos assim...é...é...educados dentro de um sistema que apesar de todas as modernizações ainda é...tão...tão precário, tão pobre em enxergar a realidade da vida, e nos acostumamos nós mesmos aqui a pensar, por exemplo enquanto cristãos, não é, que santos são aquelas pessoas que um dia foram beatificadas e que estão lá nos altares: São Francisco de Assis, não é, São Paulo mais antes, São Inácio de Loyola, e outros santos e santas, e assim como também os heróis: “Meu Deus, quem são os heróis goianos?”. Então...é...a gente às vezes é até obrigado a lembrar de um anti-herói, não é, por exemplo Anhangüera, lá em Moçâmidés fala-se em Damiana da Cunha, mas “Quem foi Damiana da Cunha?”. Eu me lembro que eu dizia “Eu quando quero alcançar os meu santos e os meus heróis eu olho a minha volta” São pessoas que estão aí conosco, entre nós, e são pessoas com testemunho de vida como o

Dom Tomás...Dom Tomás mesmo . Eu perguntaria “Quantas pessoas nesse Brasil, nessa América Latina, nesse Goiás foram e são como esse homem, o Tomás?”. Lá estava Chicão, o padre Chico, que foi baleado, não é, num atentado justamente no Troca Tapa, em Mirandópolis, e ficou cego pro resto da vida, tava ele cego inclusive, e que depois de muito sofrimento, entre vida e morte, quando se recuperou...é...o superior disse “Não! Agora você fica aqui na cidade!”, disse “Não, eu quero voltar pro mesmo lugar.”, e voltou cego pra mesma Moçâmidas pra continuar fazendo o mesmo trabalho. Me lembro de Zenaide, há mais de quarenta anos uma freira...é...com carinho eu me abracei com ela, gaúcha aqui em Goiás, agora lá na pastoral dos migrantes acolhendo pessoas na rodoviária. É...quem queira um dia conhecer um trabalho de acolhida e de serviço das pessoas dessa gente que, como eu costumo dizer, torna a experiência do amor uma coisa concreta e real e não uma abstração, um assunto de novela ou de minissérie TV Globo, não é, e também...é...eu até não gosto de usar essa palavra, “os nossos heróis” parece coisa de almanaque, coisa pra...pra questão de vestibular. Mas, e nas pessoas de verdade que realmente constrói o mundo de hoje, muitas vezes fazendo palestra, inclusive no Rio Grande do Sul, os gaúchos tem vezes que ficam bravos comigo e digo “Gente, chega de ensinar que herói é quem está montado em cavalo nas estátuas!”, Duque de Caxias, lá em Rio Grande do Sul vamos festejar a revolução Farroupilha, então...lá vem Bento Gonçalves mais uma vez, quem dirá São Jorge , as pessoas todos os dias, que construímos, anonimamente, não é, esse país nas verdadeiras lutas que não são as lutas das oligarquias que vão se trocando ente elas, mas que são as lutas populares. Razão pela qual, inclusive, foi dessa mesma igreja onde...é...o...o MEB foi criado, Movimento de Educação de Base, ele mesmo como uma experiência tão rica e tão bonita, tão sofrida em tantos momentos, essa igreja na verdade, os santos que nós cultuamos são Zumbi, Zetete Araju, são as únicas mulheres do povo, são essas pessoas que aqui em Goiás pelo Mato Grosso e Pará foram caindo, e continuam caindo o número de assassinatos no mundo rural. A CPT, inclusive, publica anualmente, uma relação que ela diminuiu mas ainda não acabou. Ainda somos um dos países...é...onde há o maior número de homens e mulheres mortos a cada ano pela luta pela terra, são milhares já sem os seus lugares. Impressiona inclusive, muitas mulheres vivas . E hoje nós temos aqui três irmãos, né, três irmãos. É...eu quase que ia trazer aquele poema do Prestes, vocês se lembram aquele do Prestes que ele fala que algumas pessoas que lutam durante algum tempo e elas são importantes, algumas pessoas lutam por muito tempo e elas são mais importantes, mas algumas pessoas lutam por uma vida inteira e essas pessoas são indispensáveis. Eu não sei em que outro lugar do Brasil, deve ser uma coisa muito rara, talvez na América Latina, não é, a gente tem a felicidade de conviver com três irmãos de doze, né, vocês são quantos? Oito homens e quatro mulheres, mas três irmãos que desde os anos 50 estão, aí eu vou usar uma palavra do tempo, engajados, tão envolvidos numa luta pelos outros, por todos, por todas, em nome não apenas da reforma agrária, mas da justiça, da igualdade. Eu nem queria falar mais, eu acho que estou ficando meio emocionado e além disso, eles vão falar vão cantar. Não sei se era o caso de Alda falar um pouquinho porque nessa história toda eu fui testemunha episódica do MEB do Rio de Janeiro vir aqui porque, inclusive, logo na primeira vinda eu comecei a namorar a coordenadora do MEB, né, Maria Alice Machado, ainda estava recordando com eles: a gente passou na Fazenda Serrinha num vinte e quatro de julho de 64, e dois dias depois fomos pra Goiás, a Alda foi também, Isa foi também, ficamos lá durante um dia e numa noite de lua cheia na Santa Bárbara, Maria Elis e eu começamos a namorar. Então vamos mudar de história ? o MEB...inclusive a nossa...a nossa música até hoje é “Meu Tormento”...

Alda – “Meu Tormento”, é...

Carlos Brandão – E é uma música que você até podia cantar! Só que aí eu vou chorar!

Alda – Mas, agora em julho, agora em julho, Carlos, a gente conversava, né, que esse ano nós íamos comemorar os quarenta anos da nossa amizade, era quarenta anos, né Isa, certinho! E a gente conversando sobre isso, quarenta anos que a gente se conhecia, que a gente mantinha todo ideal, né, de luta e tudo mais, essa maneira de enxergar a realidade e que nesse ano a gente ia dar, daqui até dezembro, nos encontrar pra fazer uma comemoração dos quarenta anos de amizade, que a gente se topava, que a gente se conhecia. É interessante porque isso que o Jadir tá propondo pra gente fazer essa noite, já é o começo da nossa comemoração, nós aqui e vocês, né. Já somos nós comemorando quarenta anos que a gente se conhece. E eu gostaria agora de ouvir os irmãos porque são quarenta anos que a gente sabe de uma história de meio rural, em que cheiro de fruta, barulho de água, monjolo, carro de boi, né, compunha as histórias, não só a trajetória deles mas um olhar cada vez mais aguçado de denúncia, mas sem perder o lado bonito, o lado realmente romântico de tudo isso, né, a beleza de tudo isso. E aí eu queria perguntar como é que foi isso pra vocês ser tão forte? Nos livros de vocês vem com tanta força a água, o cheiro, o ruído, o barulho, os animais, as pessoas vivendo tudo isso, as lembranças fortes da família, como é que isso deu suporte pra vocês a partir dos anos 60 entrarem nessa luta de sindicato rural e entrar nesse trabalho de educação popular? O quê que foi antes, o quê que veio acontecendo antes que deu suporte pra essa entrada tão boa? Como é que foi isso Parcival? Essa infância de vocês, essa vivência de vocês de meio rural, aguçando depois os olhos pra uma visão mais observadora mesmo dessa realidade? Como é que foi isso?

José Coelho – Antes do Parcival falar, eu quero pedir licença a ele, eu gostaria de falar, ele falou que nós somos doze irmãos, só falta uma que faleceu já depois de mãe de três filhas e...

Alguém – Microfone!

Alda – Está querendo microfone?

Alguém – Não estamos ouvindo daqui!

Alda – Não tá dando pra ouvir?

Carlos Brandão – Chega pra cá gente, aqui está cheio de lugar!

Parcival – Embola um pouco!

Carlos Brandão – Gente e macaco é pra ficar tudo embolado!

José Coelho – Então eu ia dizer o seguinte, a minha mãe é mãe de catorze filhos, é...oito ela chegou a criar e doze...é...morreu uma agora depois de mãe e ela ainda está viva com noventa e seis anos e morando sozinha numa casinha no fundo do quintal d'uma filha. Era só isso. Depois a gente continua falando mais.

Alda – Então tá.

José Coelho – Parcival.

Alda – E aí Parcival, como é que é essa infância passada no meio de barulho de água, cheiro de fruta, de trabalho já muito cedo, né, tangendo essas bois, como é que é isso?

Parcival – Antes porém, eu quero dizer que esse momento...né...esse momento aqui pra mim é mais um momento histórico na minha vida...na nossa vida. Que quando se reúne em torno...é...de Alda Maria Borges, Carlos Brandão, Isa Gilbé, e tantos outros companheiros do passado, a gente só tem alegria, o velho MEB que nós falamos, né, nos dá alegria até de recorda-lo, né, porque a gente revive mesmo aqueles momentos. Agora, o porquê de tudo isso (?): o próprio MEB já começa a responder, né, dessa nova visão, né, desse engajamento, eu acho que o MEB aconteceu na nossa vida de...de...de trabalhadores rurais

no momento preciso da história da nossa vida, porque a gente tava precisando só aquele empurrão que o MEB deu, só aquele empurrão, porque até então a gente vivia jogado pros...como é...filhos de micro proprietário rural...é...como um assalariado rural, como parceiro agrário, então a chegada do MEB na nossa vida, realmente foi uma chegada espetacular, porque desvendou, né...é...os novos horizontes para a vida da humanidade diante dos nossos olhos, né. Agora, antes do MEB a gente tinha as coisas na cabeça mas era muito confusa, né, era muito confusa, agora a pancada da vida, a pancada do...do filho do...do pequeno produtor rural não era brincadeira, sobretudo naquela época, a gente tem muita coisa pra coisa pra contar que numa tarde rural dessa não vai dar, né, porque mesmo antes do MEB acontecer em nossa vida a gente tem um...uma...um...não uma política, mas uma luta pela sobrevivência que foi uma guerra. É...perdemos o nosso pai em 1949, uma ocasião que se começava o município de Ceres através da chamada Colônia Agrícola Nacional. Nós saímos aqui da cabeceira do Meia Ponte, viu, em função da pequena propriedade e a aspiração de dias melhores através do nosso trabalho na terra, e fomos parar lá no município de Ceres, naquele tempo não se chamava Ceres chamava Barranca, nós adentramos naquela...uma família menor...menor, ainda éramos os onze, os doze irmãos...

Alda – Vocês são goianos, todos?

Parcival – Somos.

Alda – Goianos.

Parcival – É...eu sou...nós aqui somos filhos de Inhumas, é, nós nascemos no município de Inhumas. Aquela Inhumas que...né...

Jadir – Goiabeira.

Parcival – Era, Goiabeira, né! E nunca teve nada pra nós, essa é que é a verdade, né. Eu vou parar um pouco de falar de Ceres porque eu lembrei de um negócio aqui que eu achei importante. É...eu hoje chamo Inhumas, né, de “Senzala de Preto da Pele Branca”, abalou o script, né, mas aí, voltando lá, em busca de dias melhores, de terra que não custava...não custava dinheiro mas que custava a vida, como custou a vida do nosso pai. E não tinha mais nada, só matas e matas e matas e muita vontade de trabalhar, isso graças a Deus nós tivemos, essa virtude de gostar do trabalho. Eu acho que esse também foi o suporte inicial que o nosso pai e a nossa mãe...é...nos pregou...é...a força de querer viver com dignidade e não importa aonde vai encontrar essa dignidade, a gente foi atrás e fomos buscar a dignidade. Só que os recursos materiais ficaram pra outra...outra geração, né. Mas eu acho que os outros companheiro deveria falar também, tá, mas eu queria, né, com a permissão de vocês... Quando a gente encontra o Carlos Brandão, agora eu vou aproximar mais dele, quando eu estou com Carlos Brandão só me dá alegria, inclusive ele me deu esse chapéu no dia do meu...do meu...do meu aniversário: eu hoje tô completando sete ponto um!

Alda – Aê Parcival! Feliz aniversário!

Parcival – Então o momento pra mim é exatamente histórico, tá, muito histórico! Logo nesse dia que o (incompreensível) tá tão branco, os cabelinhos estão(incompreensível) né, mas nós tomamos aqui...

Jadir – Então canta uma moda pra festejar o aniversário.

Alda – Pra festejar esse aniversário. Canta uma coisa aí pra nós.

Jadir – “Meu Moleque”.

Carlos – Eu seguro esse microfone aqui.

Alda – Isso.

Parcival – Sei...sei lá onde foi.

Carlos – Isso aí tá bão!

CARUG

Morte do pai
CARUG

Parcival – Sei lá o quê!

Alda – Vamos ver o quê que vai sair aí.

Alguém 1 – Pra alegrar o aniversário.

Alda – Isso!

Carlos – Vocês preferem ficar os dois juntos?

Parcival – Essa costinha, ele e o Zé sabe dessa...dessa...como é que chama isso aqui gente?

José Coelho – Sei lá! Isso pra mim é alça!

Alda – Nossa senhora!

Parcival – Eu uso essa bonita, né, essa aqui eu não quis tirar porque eu ganhei numa Folia de Santo Reis!

Alguém – Ah! Aí!

Parcival – Pra pendurar o violão. Quê que é aí ou?

Alda – Sentado mais perto fica mais fácil ou em pé?

Carlos Brandão – Parece que eles preferem ficar em pé mesmo.

Alda – Em pé.

Parcival – Aí dá?

Parcival – Tá bom!

Todos – Dá!

José Coelho – Então eu vou fazer o seguinte: ele vai só me ajudar a tocar, eu vou cantar a música pra ele, vocês vai ouvir! Eu vou cantar sozinho, você não vai não!

Alda – Aí!

José Coelho – “Feliz aniversário desejamos à você!

Feliz aniversário desejamos à você!

Muita felicidade, muita sorte que Deus lhe dê! – Amém!

Muitos anos de vida com saúde e com prazer!

Muitos anos de vida com saúde e com prazer!

Salve a data de hoje, essa data tão querida!

Salve a data de hoje, essa data tão querida!

Que os anjos do céu lhe guie por uma estrada florida!

A sua felicidade é o prazer da nossa vida!

A sua felicidade é o prazer da nossa vida!”

Alda – Beleza! Muito Bom!

José Coelho – Obrigado!

Todos – Muito bom!

Jadir – Mas e “O Meu Tormento”. O Carlos já tinha anunciado.

Alda – Agora, acho que antes do “O Meu Tormento”, pela ordem, quando eles entram pro MEB eles já descobrem que são irmãos que cantam e que compõe e que fazem coisas muito bonitas. Aí a abertura do nosso programa no MEB foi feita por eles e gravado por eles, né, naquela...naquela...naquele...

José Coelho – Acetato.

Alda – Naquele negócio bonitinho, naquele disco pequenininho, né. Eu acho que eles podiam cantar agora a abertura do nosso programa e depois disso “O Meu Tormento” que passou a ser quase um hino da equipe. Era o que a gente cantava em noite de lua cheia, em dia em que estava assim de cotovelo assim, meio que doído, né. “O Meu Tormento” era a nossa música preferida! Mas, pela ordem, eu acho que poderia antes ser a música de abertura.

Carlos Brandão – Alda, só como...é...quase todo mundo presente e principalmente as mulheres que têm menos de trinta anos, vale a pena a gente pôr um pouco disso no tempo. Isso é anos 60?

Alda – 62!

Carlos – 62!

Alda – 62. Nós estamos em 62. Ai eles já descobriram o MEB, o MEB já descobriu que eles cantam bem, que eles vêm de uma veia poética muito grande, né, e a abertura do nosso programa, eles vão fazer, eles vêm com a abertura já prontinha, né, letra e música aqui dos nossos amigos. Vamos lá!

José Coelho – Vamos lá! Por sinal a música é uma composição minha e da Maria Alice, a mulher dele.

Alda – É. É composta pelos dois. É mesmo. Exatamente.

José Coelho – Então...é...só você me ajudando!

Alda – Isa podia vir aqui?

Carlos Brandão – Isa! Cadê a Isa?!

Alda – Vem cá Isa ajudar a cantar!

Isa – Eu tô sem voz!

Alda – Não tem importância, a gente canta junto!

José Coelho – O título da música é “Meu Companheiro”.

Isa – (incompreensível)

Alda – Antes da abertura, né?

José Coelho – “Meu companheiro nossa vida é muito dura amiga...”...Canta um som mais alto, canta!

(falas incompreensíveis)

Parcival – Dá?

José Coelho – Dá.

“Meu companheiro
Nossa vida é muito dura, amiga
Gente que não tem leitura
Sofre tanto que faz dó
Tem tanta gente
Por esse Brasil afora
Carecendo de melhora
E cada vez fica pior
...”

Naquele tempo não podia dizer que não tinha rádio não, era assim!

Isa – Já era assim!

José Coelho – “...

Meu companheiro
O Brasil só vai pra frente
Quando um dia toda a gente
Souber ler e escrever
Por isso mesmo
Resolve meu companheiro
Povo do Brasil inteiro
Estudar e aprender
O velho Pedro

A Maria, o Vicente,
A mulher do seu Clemente,
A Tereza e o Valdemar
Na caminhada
Não existe distinção
De cor e nem religião
Nem do jeito de trajar
Nosso Brasil que se diz independente
Um país que vai pra frente passando o povo pra trás
Os poderosos pegando nossa riqueza
Entregando às empresas, pr'as multinacionais”

Alda – Aê! Era essa.

José Coelho – É.

Alda – Vamos lembrar essa aí. Você lembra?

José Coelho – Deixa eu pegar.

Alda – Vai pegar lá, vamos pegar a cópia.

José Coelho – Pode ir falando aí. Ô gente, a música é do tempo em que eu e Alda canta junto.

Alda – É bem verdade! Está saindo tudo meio mastigado. A memória dele está muito melhor que a nossa!

José Coelho – Vou achar uma letra aqui, pra ela.

Alda – Vai achar aqui.

Carlos Brandão – Enquanto eles vão achando ali a letra, eu vou contar uma história pra explicar porque eu não tô cantando também. Por volta desses anos, eu já era noivo da Maria Alice, e uma amiga nossa muito querida, que depois...é...militou em guerrilha no norte, inclusive se exilou na...na Europa e acabou morrendo na África de enfermidade aparecida, a gente até podia fazer uma lembrança dela. Ela casou, então a Bertinha fez umas músicas e a gente improvisou um coral, e eu achei que era o meu grande momento e me meti no coral. Depois do segundo ensaio, a Maria Alice Machado me procurou, a minha noiva, pra me dizer que tava precisando de um fotógrafo no casamento que não tinha nenhum.

Alda – Deslocou o Carlos!

Carlos Brandão – Eu já mexia com foto, quem sabe eu podia me sacrificar, não entrar no coral e fazer a parte de fotografia. E eu fui com o maior carinho. Gente, anos depois, já pai de filho, eu vim saber da verdade da história que, a tal ponto, eu estava comprometendo o coral que foi a saída pra me despachar depois...por isso, em memória desse tempo, eu estou fotografando aqui!

Alda – Então vai lá vai! Agora é medula do programa, aquilo lá era cantado muitas vezes antes do programa.

Carlos – Era campanha do companheiro.

Alda – Era. Era campanha pra o pessoal poder se escrever. Agora a música da abertura propriamente dita era essa. Essa daqui o coleguinha aqui também sabe, né. O Oscavu também vai ajudar a lembrar. Vamos embora lá!

José Coelho – Vamo lá! Essa música é escrita também por um colega nosso, né, a Beth, né, e o Parcival também cantava, ele que gravou ela.

Alda – É. Ele que gravou a música. Vamos embora lá!

José Coelho – “Levanto junto com o Sol

E já é hora de trabalhar

Enfrento a terra com a enxada
E só de noitinha que vou descansar
De dia ganhando pão
De noite livro na mão
De dia ganhando pão
De noite livro na mão
Então deixo a enxada no canto
Pego o meu livro e vou estudar
Com a ajuda do monitor
Seja noite de chuva ou noite de luar
De dia ganhando pão
De noite livro na mão
De dia ganhando pão
De noite livro na mão
Sabendo ler e escrever
A nossa vida vai melhorar
Estuda homem e mulher
Pois a vida que um leva
O outro deve levar
De dia ganhando pão
De noite livro na mão
De dia ganhando pão
De noite livro na mão”

Alda – Parece que o Oscavu trouxe uma coisa aqui para nós, que ele trouxe gravado, que ele está com esse aparelhinho na mão desde a hora que ele chegou. Porque é muito forte uma lembrança de uma coisa que ele vai agora contar pra nós, né, dizer pra nós e passar pra nós. Como é que é? O quê que é mesmo, Oscavu?

Oscavu – Tá bão. Eu queria tomar...primeiramente tomar a liberdade de convidar a todos vocês pra ficar de pé que nós vamos apresentar agora o extinto hino de...de Goiás, embora já tenha acabado, nós estamos aqui pra renascer.

Carro alto falante – “Atenção povo amigo do Colina Azul e bairros adjacentes, quinta-feira...”

Parcival – (fala incompreensível)

José Coelho e Parcival – “Quanta saudade que tenho

de ver meu carro cantando
Cheio de lasca de aroeira
dentro da mata rodando
Na face cheia da terra
brotando a marca deixando
Eia, eia meu boi
meu tempo bão de carreiro
há quantos anos se foi
Eia, eia meu boi
Hoje velho estou cansado
não posso mais carrear
Minha boiada carreira
tem que puxar de matar

Mas nós chora de saudade
quando seu carro cantar
Eia, eia meu boi
Meu tempo bão de carreiro
há quantos anos se foi
Eia, eia meu boi
O retalho da esteira
recortei com meu facão
Todo sujo de poeira
guardei por recordação
E o hoje na (sua) (minha) velhice
Vivendo como fujão
Eia, eia meu boi
meu tempo bão de carreiro
há quantos anos se foi
Eia, eia meu boi
Jamais botei na cinta
o meu facão pendurado
Na vazão faz o meu rancho
num fogão improvisado
E na internada afora
Está disperso o meu gado
Eia, eia meu boi
meu tempo bão de carreiro
há quantos anos se foi
Eia, eia meu boi
Pra não ver meu carro velho
apodrecendo, jogado
Na varanda do paiol
guardei num canto encostado
Suas peças de madeira
lembrança do meu passado
Eia, eia meu boi
meu tempo bão de carreiro
há quantos anos se foi
Eia, eia meu boi”

Alda – Aê!

(falas incompreensíveis)

Oscavu – É isso aí. Eu guardei assim...um pouco...tá...não é...não era a cantiga que tava pedindo, eu queria misturar também porque é a questão do...da condução aonde caminha o meu livro “Recordar é bom, mas dói”. Eu acho que doeu em muita gente que aqui está também, e é isso que eu queria dizer, que foram quarenta anos pra produzir esse livro, porque cês sabem que um carro de boi anda devagar. E hoje...e hoje também a...a divulgação desse livro é bem devagarinho porque aqui nesse auditório aqui pra entrar com carro de boi precisa tirar licença, precisa ter muito cuidado, amansar bem esse boi e assim a história deste meu livro, e eu queria lembrar também que, conforme os irmão já...já falaram, a gente teve a oportunidade e o grande prazer de trazer aqui também algumas parente nossa

que me parece que nenhuma delas ainda era nascida quando a gente iniciou o trabalho no MEB no município de Itauçu. Tem dois companheiro nosso que é mais velho de que elas, já...já existia, mas me parece eu essas três ou quatro que aqui está não era nascida ainda. E hoje, por sorte nossa elas nasceu nessa família de MEB e a irmã tá aí também ajudando. Eu gostaria de pedir a elas que levantassem. São educadoras lá na cidade de Goianira.

Alda – Aí!

Carlos Brandão – Pra quem não sabe, eles são também primos do nosso querido Ildeu Moreira Coelho, vulgo o filósofo de Taquaral.

Alda – E pra você ver o tanto que o mundo é pequenininho, a...uma aluna minha de pedagogia lá da Católica viu o cartaz e falou “Uai gente, mas essa família Coelho, pelos nomes que eu tô vendo aí são parentes meus que eu não vejo há muito tempo. A minha irmã era...a minha avó era irmã de...” não sei quem, como é que é a história Marilene? E de repente a Marilene descobriu que os três nossos grandes amigos que estão aqui nessa tarde eram parentes dela que na verdade só viu quando ela era muito pequena e que eles nem iam se lembraram dela, nem sabia do nome, nem nada, né. Então eu também queria que a Marilene também ficasse em pé, mais uma descoberta da família feita aqui hoje, que está se reunindo aqui hoje conosco.

Carlos – Ô lugar pra dar gente boa, hein?!

Alda – É!

Oscavcu – É. Só pra vocês ver que a...a história quando é...quando é boa como ela nasce. Quando eu escrevi esse livro meu “Recordar é bom, mais dói”, tem uma das filhas das meninas aí no carpete, eu pedi pra ela fazer uma poesia pra mim apresentar no livro, e ela fez. Ela falou que com nove anos ela escreveu uma poesia, e ficou tão incentivada que durante desse tempo que surgiu...que eu escrevi o livro até agora, ela fez um caderninho com trinta e seis poesias, coisa que já tá passando a casca em mim, porque eu com dificuldade escrevi duas e ela escreveu trinta e tantas! É coisa de criança, mas é coisa que fundamenta, eu acho que isso é muito importante pra gente passar também a não deixar as coisa...porque...esquecida, que muito depende de nós a gente fazer renascer essa história do nosso Estado de Goiás.

Alda – Oscavcu, você quer falar sua poesia do Meia Ponte? Você quer ler pra nós? Agora com um mundo muito pequenininho mesmo, numa das salas do AJA-Expansão, uma professora falou “Olha, nós fizemos lá na sala uma poesia muito bonita de um tal de Oscavcu sobre o rio Meia Ponte. Contando onde que ele nasce, por onde que ele passa, poluição, denunciando, né, essa poluição e desejando que haja projetos pra salvar, né, esse Meia Ponte”, aí eu falei “Uai gente, mas o Oscavcu é meu grande amigo, me fala um pouco mais sobre isso que foi feito na sua sala”, ela falou “Não, o pessoal da sala desenhou essa poesia, achou a poesia tão bonita, e os alunos numa sala de alfabetização, né, já jovens e adultos fizeram o desenho, né, ilustrando essa poesia”. Essa poesia consta no material aqui do Oscavcu, e eu vou pedir que ele leia pra nós essa poesia, que na verdade tá colocada aí nessa lateral, né, e aí, é um pedido que a gente faz. Quer dizer, você compõe muito essa família Coelho, né, de ter vivido tanta coisa, de ter um olhar também sobre aquilo que o cerca, né...é aqui não é sobre o Meia Ponte?...e aí Oscavcu, vou pedir pra você fazer essa leitura pra nós. Já achou?

Carlos Brandão – Gente mas que bonita!

Oscavcu – Me arruma um papel que eu vou...

Alda – É?!

Parcival – Que é difícil um analfabeto (fala incompreensível) apoio pr’o livro

Alda – Eu acho então que...às vezes a gente pode...

Alda – às vezes também a gente pode pedir pra platéia ler pra nós, é outra idéia também, né...

Parcival – (fala incompreensível)

Alda – ...Cada parte de quem tá aí mais pertinho pode ler pra nós, não pode ser? A gente pode fazer essa leitura também.

Jadir – Tá todo o texto aqui?

Alda – É, pra ler o texto todo aí. Tá todo aí. Eu acho que a gente podia fazer essa leitura até em homenagem a você. (Falas incompreensíveis) Aí a gente começaria de lá, cada hora uma pessoa lê uma partezinha do texto. Vamos tentar? Começando dali, vamos lá. Vamos lá.

Jadir – Começa.

Alguém 3 – Ele vai começar aqui.

“Meu querido Meia Ponte
Como eu gosto de você
Entre pedras e areias
Onde começa a correr
Sua água cristalina
Que dá gosto de beber...”

Carlos Brandão – Vai lá Cida!

Cida – “Eu nasci na sua margem
Te defendo por dever
Minha caneta é a arma
Que tenho para te defender
Sei que é muito pouco
Mas é o que posso fazer...”

Jadir – Outro!

Várias pessoas – “Nasceu na divisa do norte

Vem em direção ao sul
Leva a primeira pedrada
Quando passa em Itauçu
É mesmo uma pedra grande
Caindo em cima de tu
Recebe seus afluentes
Com as mesmas dificuldades
Cada cidade que margeia
Mais um esgoto de maldade
Cada fábrica é uma lança
Que te fere sem piedade
Para tomar sua água
A gente não pode pensar
Ou então não conhecer
Seu leito como está
Se pensa que é mentira
Deve ir pra confirmar
Até seres humanos
Apodrecem em seu leito
Como dói meu coração

Ver tamanho desrespeito
É mesmo uma grande dor
Roendo dentro do peito
Quando margeia Goiânia
É mesmo uma ingratidão
Centenas de toneladas
De lixo e podridão
Lixo do desenvolvimento
Vergonha pra nossa nação
Depois que passa Goiânia
Já corre com dificuldade
Em seu pequeno percurso
Te atacam seis cidades
Que pra ficarem poderosas
Te destroem sem piedade
O meu grito é de alerta
Gritarei aos quatro ventos
Vamos salvar o Meia Ponte
Se ainda tiver tempo
Estou vendo que o projeto
Chega depois do evento
Termino essa história
Lembrando de dois ditados:
'O incompetente sempre chora
Sobre o leite derramado'
'Projeto só tem valor
Depois de executado'."

Alda – Tá aí gente, a poesia do nosso amigo.

Oscavu – Fico muito feliz e mais ainda quando eu me lembro que faz muito tempo que essa poesia tá escrita. Eu fui uma das primeira pessoa que pegou a caneta e pôs no caderno as denúncia do nosso querido Meia Ponte. Daí pra cá, começou a aparecer, mas um escrito assim...me parece quase...na época que a gente começou o MEB que eu escrevia assim, essa poesia. Então é um orgulho muito grande saber que o primeiro chute aí em defesa do Meia Ponte quase foi eu quem dei. E aqui, ainda não...a perna tá véia, mas tá boa pra dar mais chute aí.

Alda – Muito bom! Ah! Quer ficar sem microfone, ele quer falar uma das poesia do livro dele.

Parcival – Eu falava ali, anteriormente, é...do percurso que a família...é...do pequeno produtor rural...

Alguém – Vai cair!

Parcival – A gente chega numa idade em que não pode cair mais não.

Carlos Brandão – Ainda mais no dia do aniversário!

Parcival – É, não fica bonito, né! Mas...então eu...não...nós deixamos Inhumas eu tinha talvez oito anos em busca daquela melhoria, né, que acabou não acontecendo, mas ela veio de outras formas. E por lá nós ficamos umas três décadas, três, quatro décadas. Quando foi em 1980, eu já, tem consciência, né (?), mebiz...como é que é? Mebilizad...

Alda – Mebilizado, é bom!

Parcival – “Aí as coisas eram diferentes:

quando eu fui embora, o Meia Ponte era um rio abundante no seu leito, abundante na sua fauna.

E agora em 80 eu achei ele desse jeito!

Eis-me aqui rio Meia Ponte

outra vez em sua frente

pra matar minha saudade

e abraçar-te novamente.

Já faz mais de trinta anos

que de ti estou ausente

e tantos anos que passaram já

e não saiu da minha mente.

Apesar de ter partido

não me separei de ti,

fui embora um pedaço,

o outro não consegui,

porque deixei no passado

o rio Meia Ponte aqui nesse pedaço de terra,

da terra onde nasci.

Não pensei que fosse agora

encontrar-te tão diferente,

não é mais o rio bonito

que ficou em minha mente.

Como dói rio Meia Ponte,

confesso-te amarguradamente.

Mais parece um rego d'água

que o rio de antigamente!

E onde estão as capivaras

que deixei quando parti?

As inhumas cantadeiras

não cantam mais por aqui!

No alto da gameleira

enroscado o acuri

pra eu sonhar a noite inteira

os meus sonhos de guri.

Da velha ponte de madeira

nem sinal restou ali.

Cardumes alvoroçados de pequenos lambaris,

procurando as cabeceiras,

não vemos mais por aqui

buscando junto às nascentes

refúgio pra produzir.

Os olhos encheram d'água

quando assim escrevi,

esse brado de alerta

para todo mundo ouvir:

“O nosso rio está com sede,

está faltando água ali
e se morrer o Meia Ponte,
Carlos Brandão, tudo
vai morrer aqui.”

Oscavu – Agora aqui, só terminando, o...eu queria ler aqui só mais uma poesia também que deu origem ao título desse livro “Recordar é bom, mais dói”, então a poesia diz o seguinte:

“Que saudade eu tenho
Do meu tempo de criança
Da amiga Chiquinha
Com seu cabelo de trança
O dia todo juntinho
Gozando a nossa infância
Saudade do meu bodoque
Feito com todo carinho
Da arapuça armada
Lá na beira do caminho
Do poço onde eu pescava
Lá na curva do corguinho
Saudade do velho peão
Que na gela não ficava
Do joguinho de baliza
Quando Chiquinha chegava
Da gangorra de cipó
Aonde nós balançava
Saudade do berra boi
Do meu gorro de pano
Do meu par de precata
Do couro do boi cigano
Da nossa perna de pau
Toda hora estava quebrando
Saudade da luz de candeia
Da minha roupa de algodão
Do meu cachorro Pitoco
Do meu cavalo alazão
Do vaga-lume lá longe
Beliscando a escuridão...
A gente nem percebia
A boa vida que tinha:
Tomar leite de cumbuca
Misturado com farinha
E adormecer embalado
Com o barulho da biquinha
A infância foi embora
Sem pedir para retirar
A velhice veio chegando
Sem pedir para ficar.
Agora estou velho e cansado

Fico pensando onde andarás você agora”

Parcival – Ê! Ele tá rindo mas o zoinho dele tá em outras casas!

Oscavu – Bem, agora a gente (fala incompreensível) Parcival, mas eu gostaria agora de...o Coelho velho aí,cantasse também alguma coisa que é contribuição dele, que fala também da nossa história, da história do nosso povo sofredor. E eu gostaria que pudessem “Estrada de Chão”.

Alda – “Estrada de Chão”, olha aí.

Parcival – “Estrada de Chão” (fala incompreensível)

José Coelho – “Estrada de Chão”, vou tentar! Ela nasceu também de uma peregrinação...é...quando a gente...falaram aí hoje, no tempo da Barranca, né, quando a gente desceu lá pra barranca, a gente abria as estradas pra chegar até no final das nossas roça, do nosso lote, abria com foice, com facão, inchada, enxadão e tal era até chegar lá porque era os recursos que tinha, era mata bruta, não tinha como a gente chegar lá a não ser assim, então era arrancando toco com enxadão, machado, e hoje, a gente vendo aí, todo lugar que se vai é asfalto, né, aí a gente deu uma saudade daquelas estradinhas que a gente abriu naquelas época, então eu...deu uma saudade daquelas estradas e eu tentei escrever isso aqui, assim...tipo de um desabafo mesmo, uma denúncia da “Estrada de Chão”.

“Eu não gosto de asfalto
Prefiro estrada de chão
Onde corre as enxurrada
Da chuva do meu sertão
Passa tropa e boiada
Carro de boi e carroção
Passa madeira de arrasto
E toras no carretão
Foi assim desde o começo
Por isso é que não me esqueço
Da velha estrada de chão
Me lembro de antigamente
Quando eu entrei no sertão
No ombro ia a espingarda
E na cintura o facão
De foice abria a picada
De machado e enxadão
Subindo e descendo serra
Nas margens do ribeirão
Trabalhando como louco
Cortando e arrancando toco
Abrindo estrada de chão
Quanta esperança perdida
E quanta desilusão
Não trabalho mais com foice
Machado, nem enxadão
Meu carro apodreceu
Queimaram meu carretão
Roubaram a minha terra
Destruíram o meu sertão

O poder falou mais alto
E cobriram de asfalto
A velha estrada de chão
Nem sei onde foi parar
Minha vara de ferrão
Minha cela joguei fora
Morreu o meu alazão
As cancelas silenciaram
penduradas no moirão
Desprezaram a pinguela
E a pontes de champrão
Faço aqui o meu protesto
Respeite ao menos o resto
Da velha estrada de chão
Meus olhos encheram de água
Escrevendo esta canção
Recordando os velhos tempos
Fazendo comparação
Procurando uma resposta
Pra essa interrogação
Quando que irá chegar
A nossa libertação
Ter direito à moradia
E voltar a passar um dia
Na velha estrada de chão.”

Alda – Ê!

José Coelho – Vocês vão concordar comigo mesmo que quem não tem carro sou eu, e tanto faz ter asfalto quanto não tiver!...

Alda – É mesmo!

Oscavu – Gente, agora só lembrando que a música tá dizendo o seguinte, ele não tá inventando nada não. A gente morava no município de Uruana no Carmo do Rio Negro, melhor, e quando meu pai arrumou um carro de boi pra levar a mudança pra tão falada Barranca, meu pai desceu na frente porque tinha uma estrada carreira e tinha mais ou menos um quilômetro que era na mata pura, e aí meu pai desceu pra providenciar a estrada que era pra passar a mudança. E aí a gente dormiu no caminho e no outro dia quando a gente chegou lá, o meu não tinha terminado a estrada. Me lembro até hoje, o carreiro parou o carro e tivemos mais ou menos mais de hora parado esperando o meu pai abrir a picada pra gente chegar no local aonde ia...(fita acabou)...morar.

Alda – Agora, interessante que no trabalho do MEB, de começo havia uma preocupação de gravar as aulas. Então tá tudo isso pelo rádio, era feito isso diariamente, né, os programas, a nossa grande escritora dos programas é a Isa, né, que está aqui conosco, muita facilidade pra escrever, dramatizar situações, fazer diálogos interessantes, colocar “o que é o que é?” no meio do programa, transformar em pequenos teatros situações que eram colhidas, né, nas várias escolas, e eu fazia o papel de locutora, era eu quem falava nos programas. Depois de algum tempo, o nosso trabalho mudou bastante, aí já não era mais uma fala só nossa daqui pra lá, a gente ia, gravava coisas nas escolas, músicas como essas, conversas, opiniões, né, e isso era trazido depois e passava pelo rádio. O rádio passou a fazer todo o trabalho

interativo, né, extremamente interessante. Então muitas vezes, as vozes desses nossos companheiros aqui, né, dos nossos colegas, né, foram gravadas, histórias contadas, músicas gravadas, folias gravadas, isso trazia pequenos gravadores, extremamente mambembe, né, aquilo ali então era trazido e passado na emissora, né. Então houve um trabalho muito grande que alterou profundamente a história aqui do MEB Goiás, esse conceito de cultura popular, esse conceito de trabalho, esse conceito de...de...de fazer, afinal de contas, de cantar, falar em forma de caso, né, tudo aquilo que compõe a vida desses lavradores. E parece que o Oscavu tem mais alguma coisa pra nos falar aqui.

Oscavu – Tá bom. É...como a gente tá levantando aqui a questão que não é propriamente do MEB mas eu acho que é, porque MEB quer dizer educação e isso é um trabalho que a gente considera educativo. A gente desceu lá pra Colônia, era mata bruta, e a gente não tinha nem

um acompanhamento de político, nem de governo, nem nada, a gente só tinha coisa que tava na teia, como a gente fala, aí a gente fez muita coisa errada, e depois a gente percebendo isso, eu escrevi outro poema que diz o seguinte, é...“Denúncia em Defesa”:

“Através desta canção
Vou contar a situação
De um lugar onde morei
Por falta de instrução
Quantas matas foram ao chão
Quanto erros pratiquei
Quanto troncos destruídos
Pelo chão apodrecido
Nas matas que trabalhei
Os verdes daquelas matas
Transformados em sucata
Nossas madeiras de lei
De cartucheira na mão
Pelas matas do sertão
Aos domingos eu saía
A explosão da cartucheira
Anunciava à mata inteira
Que uma caça morria
o sangue quente no chão
Era o choro do sertão
Só que gente não sabia
...”

Alda – Ô!

Oscavu – “...só que agente não sabia.

Me começo arrependido
Pois estou comprometido
Com tamanha rebeldia
Numa moita de taquara
Esperando a capivara
Na barranca do barreiro
Quando a coitada chegava
Que na lama se rolava
O tiro era certo

Mais um vivente sem vida
Mais uma caça caída
Pelo homem traiçoeiro
Que hoje está na cidade
Nas esquinas da saudade
Curtindo seu desespero
Para aumentar a minha dor
Hoje sou um defensor
Do nosso meio ambiente
Quarenta anos que passaram
Ainda não apagaram
Este fato em minha mente
A motoserra, o machado
Os cartucho disparados,
A herbicida finalmente
Não sei como se deu isso
Perdoai meu São Patrício
Um pecador inocente
..."

Pêra aí, que não acabou!
Alda – Não acabou gente!
Oscavu – “Uma semana, o mês inteiro
Vinte, trinta companheiros
Foice e machado na mão
No prazo de poucos dias
Todas aquelas matarias
Viravam cinza e carvão
E lá dentro do roçado
Quantos bichos foi queimados
Sem nenhuma proteção
E lá do mais alto pau
A denúncia do urutau
Foi ! Foi ! Foi ! Sertão”

Carlos – Como a gente tá numa faculdade de educação...é...eu combinei com o Jadir falar um pouquinho um pouco mais de detalhes, pouquinho mesmo, menos de cinco minutos sobre o MEB. Nós estamos vendo aqui vários flashes e momentos, eu queria de repente, como se fosse uma costura em volta, apresentar uma...uma colcha de metro, uma colcha de retalhos, mas de qualquer maneira uma visão mais inteira. E, já que a gente tá numa faculdade de educação, é sempre bom lembrar que existem oito dissertações de mestrado e tese de doutorado sobre o Movimento de Educação de Base, uma primeira, inclusive de um americano Emanuel de Kadt, chamada “Católicos Radicais no Brasil”, Osmar Fávero, que é muito conhecido, foi presidente do MEB várias vezes, Luís Eduardo Wanderley, inclusive o José Peixoto Filho fez dissertação de mestrado dele na UFMG sobre o MEB Goiás. De repente, a gente ouvindo esse...esse contar de casos aqui, né, meio que entre músicas e poesias, pode não se dar conta do quê que representou essa experiência. É...há pouco tempo atrás, numa roda de amigos, de educadores, nós lembramos uma coisa muito interessante e muito pouco lembrada, só existem duas situações na história desse país em que o Brasil

exportou em Biologia, em Pedagogia, ou seja, em que saído do Brasil, passando pela América Latina, pessoas do mundo inteiro se interessaram por temas criados aqui...aqui por gente como essa, como foi a Educação Popular, e outra a Teologia da Libertação. Quer dizer, quando...quando intelectualidade européia ou norte-americana pensa alguma coisa gestada no Brasil e que de repente representou um recado pro mundo inteiro, nomes como Paulo Freire, Leonardo Boff, não é bom (?), e quantas e quantos outros, não é, estariam no chão dessa experiência, Educação Popular e Teologia da Libertação. E em Educação Popular, ela...ela vivia, Alda tava acabando de comentar de várias pequeninas experiências esparramadas por esse país afora. Foi o tempo dos Movimentos de Cultura Popular, dos MCP's, e os Centros Populares de Cultura, inclusive fortes aqui também em Goiás. E o MEB nasceu através de um enlace do Governo Federal através do MEC de então dos anos 60, no começo em 60, e a CNBB, a Igreja, não é. Ele se esparramou pelo chamado Brasil subdesenvolvido, do Rio de Janeiro para cima e pra dentro, por isso nunca houve no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, pra baixo, o MEB Minas Gerais, o MEB em Goiás, em todos os estados do Nordeste e mais tarde em alguns lugares da Amazônia. Muito depressa, né, em pouco tempo o pessoal do MEB, inclusive em grande parte, como foi lembrado agora mesmo, aprendendo, não é, logo nas primeiras experiências que...nós não tínhamos nós que levar, que dizer, não é, que propor as coisas a essa gente com quem trabalhávamos em favelas, não é, em comunidades rurais pelo Brasil afora. É...aquela idéia paulofreiriana que diz que ninguém ensina ninguém, mas nós nos ensinamos entre nós, não é, ela foi vivida com muita seriedade na experiência do MEB, até as nossas cartilhas, inclusive era um programa radiofônico, né, estendido...quantas vezes, Maria Alice tava lembrando outro dia, não é, é...Alda, Isa entrava numa Kombi daquelas primeirinhas Kombi dos anos 60 e viajavam quinhentos, seiscentos quilômetros pra ir visitar duas, três escolas num Goiás que, naquele tempo não acabava onde acaba, ainda era um Goiás que ia até no bico do papagaio, não é. Eram infinitas pequeninas escolas, alguns lugares comunidades mais organizados, por exemplo, lá na Fazenda Serrinha, onde o MEB começou uma experiência muito rica também, que não foi falado aqui ainda e que a gente chamou encontros com a comunidade. Havia, inclusive, um programa nos sábados, o Zé Coelho tava lembrando agora da Difusora aqui de Goiânia que era desses encontros com a comunidade. É...eu às vezes me sinto um pouco presunçoso em dizer com a maior clareza que, às vezes comparando, ao longo dessa minha vida de andar por aí, por ali, vivendo experiências e participando de congressos e encontros, é...o que o MEB fez e faz ainda, ainda há uma experiência sobrevivente do MEB, a Alda, até hoje ligada...ainda há Alda?

Alda – Tem mais ou menos, né, a gestação.

Carlos – Mas, é...é muito difícil a gente contar em outros lugares do mundo inteiro, não é, inclusive aqueles que nos exportam as pedagogias e a idéias de educação, uma experiência tão consistente como a do MEB não sei. E que também foi ganhando nesse aprendizado com as pessoas da roça, o MEB foi um movimento sempre de educação no mundo rural, a se fazer consciente de uma dimensão humana e política. É uma história muito bonita porque ele não nasceu assim, por exemplo, ele não foi instituído, aliás, foi uma briga muito difícil com a Igreja., inclusive aqui com Dom Fernando nos primeiros tempos, depois veio a se tornar um mentor, uma pessoa de uma força muito grande, eu diria que nós aprendemos, no sentido mais concreto, com essa experiência. É muito bonito, inclusive, tomar a documentação do MEB dos anos 60, 61, e inclusive passando pelos anos, que aí se tornaram terríveis pra nós após o golpe militar, e ver esse crescimento da nossa própria consciência, inclusive nesse aprendizado com os camponeses, com os lavradores. Não sei

se vocês sabem, mas talvez tenha sido o único movimento no mundo, não é, que teve uma cartilha presa, em fevereiro de 64, nós preparamos uma cartilha chamada “Viver é Lutar” e tinha, inclusive, um conteúdo muito forte. Eu me lembro da primeira edição “Pedro vive. Pedro vive e luta.”, não é, e tinha inclusive todo um conjunto de documentos, o MEB tinha uma preocupação muito grande com a formação teórica das pessoas e com programas de estudos. Ele foi, nos anos 60, um dos primeiros movimentos de educação que contratava filósofo, Raul Mandim, pra trabalhar como filósofo num programa de educação de adultos em meio rural. Nós tínhamos uma equipe muito polissêmica, o próprio Osmar Fávero foi um coordenador do MEB muito tempo. Eu trabalhava na equipe de animação popular, inclusive gerava experiências como essa dos encontros comunitários, ou as caravanas de cultura, por exemplo, do Maranhão. É.. a polícia de Carlos Lacerda ficou sabendo do teor das cartilhas, e as manchetes do Rio de Janeiro, e depois do Brasil, inclusive isso chegou na França, saiu manchetes do “Le Mond”, né, noticiaram que uma cartilha de alfabetização de adultos em meio rural estava presa em uma delegacia de polícia, inclusive, deu depois, uma discussão internacional muito grande. Foi uma história de luta e sofrimento quando Percival, Zé Moreira e Oscavu contam história às vezes...até por razões não contam toda história, eles foram e continuam sendo militantes, estiveram presos, inclusive mais de uma vez, Alda, eu não sei se ela gosta que conte isso, mas viveu anos da vida dela exilada por causa no trabalho do MEB e na AP e como fazem as pessoas de que o Prestes fala, né, quando pôde voltar ao Brasil, voltou pra fazer as mesmas coisas, com a mesma seriedade, com o mesmo empenho. Uma teia, uma rede de pessoas que vão desses muitos militantes de mundo rural, muitos e muitos, inclusive aqui mesmo em Goiás que foram e são herdeiros do MEB, até outras muitas pessoas, pra vocês terem uma idéia, posso até fazer um convite, que em 26, 27 de outubro nós vamos estar na USP, na faculdade de educação da USP, num encontro, numa sexta e sábado, de memória dos anos 60, quarenta anos depois. Na verdade nós comemoramos o ano passado, 61-2001 pra fechar também com os oitenta anos de Paulo Freire, se Paulo estivesse aqui entre os ele teria comemorado, festejado os oitenta anos, mas de alguma maneira ele está aqui. Quem por exemplo, lembra aquele meu livrinho “O que é o método Paulo Freire?”, é...eu trabalho quase todo tempo com um método chamado “Benedito Jovelina” que foi uma tradução d equipe do MEB aqui de Goiás do método Paulo Freire, e Paulo Freire que me desculpe, mas extremamente vasculhativa, extremamente vasculhativa, inclusive porque pôs s pés no chão. Método Paulo Freire ainda muito teórico, muito difícil de ser compreendido pelo pessoal da roça, e aquele pessoal do MEB criou uma família a partir de um casal Benedito e Jeovelina que eram as duas primeiras palavras geradoras. Vocês vejam no livrinho, eu quase que trabalho o tempo todo, nem sei que foi que...foi você, né, Alda?

Alda – É, nós fizemos uma equipe, né, a Eurípedes, a Betinha, a Isa, a Nazira, né, que compunha a nossa equipe. E com um detalhe: enquanto Paulo Freire trabalhava no nordeste usando slide, né, tinha um aparelhinho de slide para focalizar as palavras geradoras na parede, né, nós utilizamos cartazes, nós resolvemos fazer isso em cartolinas, né, em que as palavras geradoras, os desenhos, as próprias palavras iam surgindo desenhadas em cartazes. Vocês chegaram a utilizar, ô...? Chegou alguns, né. Mau começamos a usar nossos cartazes houve o golpe, né, o golpe de 65 pega a gente com os cartazes prontinhos, começando a utilizar, né, a história de Benedito e Jeovelina e toda uma história do meio rural, quer dizer, desde a limpa do terreno, plantar, colher, assar pro transporte, a venda, né, quer dizer, todo o processo produtivo fez o que a gente chamava “calendário rural”, então a nossa história foi tecida em cima desse calendário rural. E nesse meio aí, a palavra sapato, a palavra

bicicleta, quer dizer, aquilo que compunha também a vida desse Benedito, a vida dessa Jovelina. Esse trabalho recriar Paulo Freire em termos de Goiás, compondo uma história, compondo um contexto, né, não com slide, né, não com um aparelhinho de slide, porque a gente não teria como utilizar isso, mas em cartolina fazendo isso em cartazes, né. E o traçado daquilo que compunha a situação dessas palavras geradores foram monitores também como eles que nos ajudaram a fazer esse desenho, a idéia de safra, como é que você desenha safra? Como é que você desenha, né, uma idéia forte de estrada levando essa safra pra ser vendida em outro lugar? Quer dizer, pra nós eram desafios muito grandes traduzir as palavras geradoras em desenho e ser capaz de colocar aquilo em cartazes muito simples, né, pra serem realmente utilizados pelos monitores, porque o conteúdo pra isso eles teriam, o conteúdo pra verbalizar, pra discutir, pra debater, pra tirar as idéias, né, pra isso aí os monitores teriam. Mas o desenho, o visual tinha que ser um suporte muito bem feito, né, e foi um desafio muito grande fazer esse cartaz.

Oscavu – É que eu lembro até hoje, quando a gente tava fazendo os programa, parece até que foi lá na Inhumilha, a gente produziu um teatro, você ainda se lembra? Era uns vaqueiro, a gente tava fazendo um teatro de...de matemática, como é que ele ia descobrir pra fazer a matemática dizer quantos balaio de mio ele teria que pagar para o patrão. Isso foi a gente mesmo é que montou, e fez esse teatrozinho e o povo até gostou. Agora eu lembro aqui,. Mexendo no baú das recordação, eu lembrei d'uma historinha que quase ninguém, nem mesmo a Alda , nem Isa sabia disso. Quando a gente tava dando aula, o nosso fazendeiro começou a ficar meio de orelha em pé, e aí começou a investigar, e um dia ele chegou lá na...na aula e eu tava dando aula, e como a aula era muito simplezinha a gente fez mais rapidinho e eu desliguei o rádio e comecei a falar sobre o arrendo, sabe, o quê que era um arrendo justo, e o danado do homem não tava atrás da parede! Disse “Agora eu descobri porque que...não era o rádio não! É esse safado que tá pregando isso no povo!”, mas eu já tinha falado, já tinha dito...

(Fala incompreensível de alguém”

Oscavu – É. Eu queria também, aqui, aproveitar a oportunidade pra mostrar aqui um pouco da minha família, as menina do Ardo que tá aí, dá uma levantadinha aí pra vê.

Homem - São os parente!

Oscavu - ...a minha fia, a minha nora que tá aí todo esse povo. Eu falo pro Zé que eu pejejo com ele demais, mas não deram conta de arrancar (fala incompreensível)

Carlos Brandão – Pessoa agora vai cantar uma música, inclusive o Jadir vai fazer a segunda que eu queria que vocês ouvissem... Eu não sei se vocês sabem, mas Jadir é folião e sanfoneiro de Santo Reis com larga experiência, se não fosse (fala incompreensível), mas eu queria que vocês ouvissem com todo carinho essa música, eu às vezes fico lembrando quantas e quantas músicas sertanejas e músicas de raízes eu conheço que possam ser tão bonitas e tão tocantes como essa. Essa música, é claro, nunca foi gravada por Chitãozinho e Xororó que eu ouvi dizer que tão ganhando sessenta mil reais pra cada participação em shows de um dos candidatos pra presidência da república, mas ela corre todo o sertão de Goiás, Pará, Tocantins há muito tempo. Há pouco a gente ouviu uma música sobre a saudade do carro-de-boi, agora é a história de um carreiro tomando consciência de si mesmo. Eu ouço essa música e me lembro “Disparado” do Geraldo Vandré, pra mim, uma “Disparada Goiana”!

Alda – Beleza! Vamo lá então!

Parcival – Agora com a participação do professor Jadir.

Jadir – Primeiro ensaio.

Parcival – Primeiro ensaio. Já vamos apresentar a colega... (fala incompreensível)

Jadir – Mais.

Parcival – Essa canção, eu a escrevi pensando assim: nós compositores, eles compositores escrevia mais a saudade do carro-de-boi, as proeza do carro-de-boi que realmente foram...foram...né, inesquecíveis. Mas a gente só se falava do carro-de-boi! E eu pensei: por quê que a gente não fala da vida, do carreiro, da vida que o carreiro leva? E foi em cima dessa idéia que eu escrevi essa que nós vamo canta.

“Veja seu moço carreiro seu corpo como é que está
A carne tá suja de poeira da estrada do cafezal
Dorme lá em cima da esteira do carro de carrear
Seu moço pobre carreiro não tem onde descansar
Carreiro carro e boiada carro de jacarandá
Na banca do boi de carro boi não vai carregar
Guarda o carro na varanda desse chão carreiro molhado
Mais vale o carro de boi que o de quem vai carrear
Nasceu o pobre carreiro com leito tosco sem nada
Vida de carreiro é triste é uma canção amargurada
Leva viola que insiste na mesma toada
Parece o carro de boi hoje tentando atrair a boiada(?)
Na canga do boi de carro tem gente amarrado vai
Gente não é boi de carro, tá carro de boi puxar
Gente tem gente que chia bem de quem pode chiar
Chia mente do carreiro e a canga pode quebrar”

Alda – Aê!

Jadir – Vocês se lembram quem foi o primeiro candidato a vice-governador de Goiás, pelo Partido dos Trabalhadores? Não?

Homem – Capaz que não.

Jadir – Ninguém lembra? Em 1982, primeira eleição que o PT disputou? Teve candidato a governador de Goiás e vice-governador. Olha o candidato a vice-governador aqui olha!

Alda – Aê!

Jadir – É do tempo da composição dessa música.

Alda – Muito bom.

Carlos Brandão – E quase pegou hein!

Jadir – Quase ganhou.

Parival – Parece...

José Coelho – Já que nós tamo falando aqui da situação do povo...é...não é o caso da maioria aqui mas é o caso meu, dos dois irmão aqui e acho que o caso do Jadir nós viemos conversando pela estrada aí...é...a condição que esse êxodo rural...é...colocou o trabalhador. Então eu escrevi aqui uma...um poema, ela é uma música mas eu não vou cantar ela não porque tá muito difícil cantar sozinho, o (?) não tá dando conta do recado não tá dando muito conta do recado, então eu vou fazer assim um tipo de um...um poema aqui. O título da...“Terra é Vida”.

“Me tiraram lá da roça e me expulsaram para cá
Sou um peixe fora d’água, não consigo respirar
Sou folha que o vento leva sem achar onde encostar
Quanta esperança perdida, sem terra não tenho vida, minha vida ficou lá.
O ranchinho onde eu moro, quanta tristeza me dá

Além de ser emprestado, o dono quer desmanchar, o mais depressa possível tenho que [desocupar]

Há tanta terra em Goiás que tanta falta que faz aquela que eu deixei lá

Bem na porta do meu rancho tem um pé de jatobá, uma bonita paineira, um lindo [jequitibá]

Vivo debaixo da sombra vendo o galho balançar.

Muito triste e aborrecido, hoje não me sai do sentido a terra que eu deixei lá.

Nessa idade avançada não posso me aposentar, pois não sou contribuinte da Previdência [Social] e já perdi a carência, não tenho mais Furrural

Já faz mais de oito anos que eu aqui estou morando e mãe terra ficou lá

Procurei um sindicato pra eu me associar mas estou desenquadrado, não posso me identificar, não sei ler nem escrever, nem meu nome assinar

Se nada posso fazer, como poderei viver, eu aqui, a terra lá?

A família está doente precisando de tratar, mas não existe remédio pra quem não pode [pagar]

O emprego na cidade não consigo encontrar.

Sou um soldado de guerra mas só sei lavrar a terra e a terra ficou lá.”

Jadir – Vamos mandar o microfone aqui pra trás um pouquinho.

Alguém – Chega, chega!

Jadir – Tá bom, aqui já dá. Professora Marlene, a nossa diretora aqui da casa está encerrando o mandado dela agora em outubro e do livrinho da Évelyn tem um poema dedicado ao Oscavu. Então eu vou pedir pra professora Marlene ler o poema dedicado ao Oscavu.

Marlene – “Poeta amigo,

Quem é você amigo poeta que veio da zona rural e hoje é o maioral?

Quem é você amigo poeta, homem simples, caminhando com o carro de boi de sua época?

Quem é você amigo poeta que quase não foi à escola, mas faz poesia sem demora?

Quem é você amigo poeta que tem tão belo sorriso apesar da vida marcada desde o início?

Quem é você amigo poeta de verdade que levas no peito uma grande saudade porque “Recordar é Bom, Mas Dói!

Carlos Brandão – Bonito!

Alda – Muito bonito!

Jadir – Eu hoje sou sanfoneiro da casa.

Marlene – Hoje são dez anos...

Oscavu – Mas dessa época, ela tá muito nova também.

Jadir – Escuta, e esse embrulho aqui, vai voltar do jeito que veio?

José Coelho – Hã?

Jadir – Essa embrulho vai voltar do jeito que veio?

José Coelho – Não! Nós vai fazer alguma coisa com ele.

Jadir – Ah bom.

Alda – Quê que tem nesse embrulho?

Jadir – Eu não sei. De repente até uma bomba!

Alda – Conta aí seu Zé!

Jadir – Nesses tempos de bomba por aí...

José Coelho – O negócio é o seguinte...é...a gente tem assim...depois de tá aposentado assim como a gente tá, né, que recebe um salário bom, né, que duzentos reais dá pra (fala incompreensível)

Parcival – Não tá podendo falar muito do governo não!

José Coelho – Hã? Não?! Agora pode!

(falas incompreensíveis)

José Coelho – Então a gente fica assim por conta...eu uma vez vim com a camisa...com a cabeça com raiva de...desse...dessas água tratada com muito cloro, né, e o cabelo ficou meio branco, eu não dei conta de trabalhar mais porque a cabeça branqueou.

Alda – Problema da água, né?

José Coelho – Da água e do cloro. Então a gente fica lá brincando como nem menino, ele deixou uma brincadeirazinha pra eu mostrar pra vocês, eu sei que muitos conhece, outros não conhece, quem conhece recorda, quem não conhece vai conhecer. É...eu vou pedir aqui um balde de água, não é pra tomar banho não. É pra mim fazer esse negocinho funcionar aqui.

Alda – Eu não acredito!

Parcival – O quê que o sono faz!

Alda – É isso aqui? Por que?

(falas incompreensíveis)

Alda – Você sabe que eu vi entrando essa água, e pensei “O quê que é isso, meu Deus?!”

José Coelho – Eu vou colocar ela aqui em cima da mesa, capaz que eu vou fazer um piseiro danado, mas...

Alda – Eu acho que eu vou querer assistir isso daqui de baixo...Não é por nada não, mas eu vou querer assistir isso daqui de baixo! Já disse. Primeiro que o pacote é pesado, um negócio que faz assim na mão da gente.

Alguém – Deixa eu assistir isso lá de baixo.

Alda – Que tramóia é essa...?

Parcival – Esse vovô tá caducando! Ele vai é jogar água ni nós aqui!

José Coelho – Se vocês me achar bão, pode me contratar pra brincar mais vocês, viu!

Alda – Eu pus o pacote em cima da mesa aí, viu? Aí! A plástica aí.

Jadir – Atrás do Oscavu.

Alda – Atrás do Oscavu aí.

Jadir – O Oscavu tá escondendo aí.

Alda – É.

(falas incompreensíveis)

Carlos Brandão – Tem direito a reclamar depois do livro meu grátis, né, que aliás eu só fui expulso daqui de Goiás por causa dele. E quem levar quatro, tem direito a dois.

Alda – Nossa, essa matemática tá boa!

José Coelho – Você já viu?!

Jadir – Leva dois...(fala incompreensível)

Alda – Ah, uma joinha...

Carlos Brandão – Levar dois dele ganha o meu. Isso aqui é quatro por quatro, ganha dois.

(falas incompreensíveis)

Alda – Minha máquina acabou o filme.

Alguém – Carlos, acho que a Evelyn ia gostar muito de receber um seu!

Carlos Brandão – Olha, não vai receber!

Alguém – Olha, não é a mãe não, é a Evelyn.

Carlos Brandão – Nossa!

José Coelho – Tem que pôr mais cadeira lá pra ?

Alda – Mais cadeira?

José Coelho – (fala incompreensível)

Alguém – Essa queda sua aí...

José Coelho – A queda foi pouca!

Alda – Isso, põe aí! Engenheiro aqui é o que não falta, né gente.

Oscavu – Tem muita gente com água mas é lá no rego mesmo, que rego que do Zé Eugenio aqui tá meio...

José Coelho – Gente, é por isso que nós tamo detestando a sujeira da água do Meia Ponte, né, porque...

Carlos Brandão – Agora deu.

Alda – Agora deu.

Maria Emilia – Aê!

Alda – Olha só gente!

Jadir – Tem que xerocar.

Alda – Não acredito!

Carlos Brandão – Eu não fujo daqui não, mas eu vou...

Jadir – Mais perto que possa pra gravar o som.

Alguém – Cascata?

José Coelho – Era com isso aqui é que nós limpava o café, que limpava o arroz, fazia farinha, tudo.

Parcival – Batia na minha cabeça também. (fala incompreensível)

José Coelho – Ô Brandão, você botou bem sentido de como é que monta o trem?

(falas incompreensíveis)

José Coelho – Bom, acho que tá bom, né. Vocês viram como é que funciona.

Alda – Nossa, que beleza!

Oscavu – Olha, tem uma história curiosa do meu avô que ele era um velho muito teimoso, e ele tava arrumando o monjolo lá mais a mulher dele e a mulher dele falou pra ele “Olha, tem que arrumar esse pilão que ele tá torto e o monjolo tá batendo aqui na beirada.”, ele falou “Que isso mulher?! Tô acostumado a fazer isso!”, “Não, mas tá batendo.”, aí ele falou “Você quer ver como não passa?”, pois o dedão lá e o monjolo veio, e arrancou a carapuça do dedo dele ? ? ? ?

Alda – Tá bom (?) Tem mãos até ? ? ? . Muito bom gente!

Parcival – Assim bastante rápido, mas esses municípios recém emancipados aí pela beira do Araguaia, um pessoal assim muito atrasado, não é, e o município com muita dificuldade de qualificação de mão-de-obra, aí era aquela dificuldade tremenda, não funcionava bem o executivo, num funcionava bem o legislativo e também a Secretaria de Educação. Um dia, a secretária de educação chamou o prefeito “Prefeito, você está sempre indo em Goiânia, é preciso trazer...é preciso trazer três bandeiras pra nós: uma do estado, uma do Brasil e outra do município. Próxima vez você traz pra nós.”, “Tá bom.”. Aí ele na próxima vez que ele veio em Goiânia, foi procurar a bandeira, achou a bandeira, mas não quis levar, né. Aí chegando lá a secretária de educação cobrou dele “Comprou as bandeira?”, “Não sô! Eu acabei não comprando porque tinha de muitas cores e eu não sabia qual era a cor que eu devia trazer!”, acabou não...Aí ela falou “Então vamos fazer o seguinte: eu tô sempre indo lá, você me assina um cheque, tá...Você viu o preço das bandeira?”, “Vi, é sessenta real, né.”, “Aí você me assina um cheque agora porque às vezes a hora que eu for em Goiânia,

você não tá aqui, eu não posso trazer as bandeiras.”, aí ele falou “Então pega o talão de cheques lá.”, ela pegou o talão de cheque falou assim “Ce mesmo enche”, né, então “Quanto custa a bandeira mesmo?”

Alda – Sessenta.

Parcival – “Sessenta reais.”, aí ela botou lá em cima da mesa lá, começou a escrever, (?), falou “Prefeito, a gente escreve sessenta com ‘s’ ou com ‘c’?”, aí ele falou “Olha, você quer saber? Preenche dois cheques de trinta.”

Alda – Então faz dois cheques de trinta...Boa! Muito boa mesmo!

José Coelho – Pessoal, então tá chegando os toque finais da nossa...da nossa encontro, né, eu queria dizer pra vocês que esse monjolinho eu vou entregar ele pra levar pra minha amiga Maria Alice, ele vai socar lá em Campinas de São Paulo ?????

Carlos Brandão – Brigado!

Alda - ? ? ? ?

José Coelho – Outra coisa que eu queria dizer essas músicas que nós cantamos, que nós..eu queria até mostrar aqui, é...meus irmão lançaram um livro aí, né, diz que...é...lança pra todo lado aí, né, aí olha o meu livro!

Alda – É lindo!

José Coelho – Aqui tem um livro completo aqui, mas eu não tive coragem de bancar de...enfrentar as dificuldade que eles encontra...

Carlos Brandão – Ainda vai sair!

José Coelho – Esse aqui é mais fácil, né? Aqui tem umas trinta e tantas música e poema mas acho que vai ficar por aqui mesmo.

Parcival – Mais barato, né?

José Coelho – Mas eu queria dizer mais o seguinte, essas nossas...vocês viram que as nossas idéias, nossos argumento é tudo coisas...é...tem as nossas raízes, é coisa que nós sentimos e quem começou, pôs sentimento na nossa...na nossas memória...

Parcival – Consciência.

José Coelho – Na nossa vida, né, foi o MEB e o Dom Fernando. Depois que a gente começou a freqüentar...a minha primeira música que eu escrevi foi o primeiro curso que eu fiz pra participar...pra trabalhar no MEB. Então a gente deve muito isso a essa turma que...especialmente ao...ao Dom Fernando, ao finado Dom Fernando porque ele é que encheu a nossa cabeça de consciência, graças a Deus nós temos consciência política e temos consciência religiosa, temos prática de vida religiosa...é...conseguimos a viver nesse mundo que nós tamo aqui conturbado desse jeito, sem perder a fé, eu acho que isso é a maior graça que a gente tem,né. Então a gente...é...agradece muito a vocês Alda, Isa que está presente, o Carlos, né, e mais alguns aí que trabalhou naquela época...é...porque era um trabalho muito gostoso e que a gente aprendeu muita coisa e ficamos bastante envenenado, né. Só queria falar isso. Obrigado. Eu tenho aqui uma...só pra mostrar pra vocês...é...aqui não....a escola que nós participava naquela época, a escola que eles dois tiveram, eu tive um pouquinho mais de estudo, mais pouco, ele...

Parcival – Vai sair uma jibóia aí.

José Coelho – Eu fiz aqui só...não...só uma...uma...uma exposição, uma lembrancinha só pra vocês ver como é que a gente fazia a nossa...ia pra nossa escola. Aqui fazia uma...cortava dois pedaço de papelão, juntava os dois, costurava em volta, pegava um canudo de taboca, fazia isso aqui pra carregar a caneta e o lápis e o caderninho ia aqui dentro, né, e aqui dentro, aqui...

Alda – Ah!

José Coelho – Isso aqui era...era a nossa...a nossa...

Parcival – O castanho, era o castanho!

José Coelho – A nossa educação, nós aquentava através disso aqui.

Alda – Santa Luzia.

José Coelho – Era...era o tradicional bolo! Olha gente, era só isso que eu queria mostrar pra vocês, pra vocês ver como é que era a dificuldade pra nós, né, era uma dificuldade que ninguém sabia hoje, n', ia ter mochila, né, ia ter...era um tal de andar com caderno, né, ???
?? livro, né.

Carlos Brandão – Computador, Internet...

José Coelho – Aqui cabia até o quarto ano ia aqui dentro dessa...

Alda – Muito bom!

Parcival – Quem lê na vio...na biografia do meu livro vai encontrar, né, a minha escolaridade, o meu banco de escola. Naquele tempo que isso aqui era a sabatina, era usado na sabatina, quer dizer, hoje é as provas, né, os testes de matemática. O professor pegava o livro...

José Coelho – Fica pra vocês de recordação.

Parcival – ...de tabuada com a parmatória na mão “Dois mais dois?”

Jadir – Agora eu vou recuperar.

Alda – Ah!

Parcival – “Dois mais dois?” Quem falasse três...

Jadir – Olha, minhas alunas se preparem...

José Coelho - ...quem falasse cinco, palmatória nele.

Jadir – Aí olha! Amanhã sete e meia da manhã.

Parcival – “Cinco vezes cinco?”, quem errasse era um castigo, na próxima vez eu ia estudar mais. E isso ardia pra caramba, ardia pra caramba. Muitos botava a mão da gente na perna dele assim, (!)! Era um castigo!

Alda – Beleza.

Jadir – Bom gente, estamos programando aqui como é que nós vamos fazer um fechamento. Eles vão ajeitar uma música lá pra nós, é...lembrando que tem os três livros aqui, quem quiser adquirir os livros depois, ao final quando a gente vai comer a canjicada, eles vão autografar os livros, lembrando que dia dezessete de outubro, numa quinta-feira nesse mesmo horário, o Fim de Tarde vai ficar por conta do Thomás da Conceição que tá aqui conosco. Então o Thomás já viu como é que é a nossa tranquilidade, né, e vai estar fazendo o Fim de Tarde e nós vamos organizar um pouco, quem sabe pedir ajuda do Cadelã pra ajudar...ajudar a organizar o esquema com o Thomá...é...vai fazer aqui, pra efeito da Faculdade de Educação, o lançamento do CD dele que tá novinho aí rodando aí na praça, com s bênçãos da nossa madrinha da música caipira e folclórica em Goiás, Eli Camargo, né. Pronto. Nós não temos cachê para os três mas o Brandão e eu tamos fazendo até agora temos tido ocasião...é...fazer um cachê pros nossos convidados com os nossos livros. É...Então...é...tem aqui pra os três e pra Alda também, né.

Alda – Nossa, que beleza! Ô Jadir, obrigada. Deixa eu passar pra eles aqui.

Jadir – Esse é o do Percival, esse é o do Oscavu...

Alda – Oscavu.

Jadir – Esse é o do José Coelho.

Alda – Seu Zé.

Jadir – Pega.

Alda – Vou pôr aqui dentro da sua mochila, tá. Isso.

Jadir – E esse é o seu com o meu abraço.

Alda – Obrigadinha.

Jadir – Obrigado por estar aqui hoje trazendo essa lembrança dessa história tão rica pra nós, viu. Bom...é...acho que seria bom uma despedidinha de todos eles também, é...e em seguida, depois da música, a partir da música...a...a Arani a nossa secretária administrativa, a Eleuza que trabalha no Núcleo de Documentação da Faculdade, nossa zeladora do prédio, faxineira e amiga de todos os dias aqui, lá nas salas dos professores, Dona Isabel, mais algumas pessoas aí fizeram uma canjicada pra...pra gente também partilhar uma comida de roça, né, uma comida de roça. Então...é...pelo aniversário do Parcival. Então depois da música a Eleuza depois vem aqui pra ver como nós vamos organizar o esquema pra canjicada. Eu ainda gostaria de ouvir uma palavrinha breve final dos cinco: Carlos, Alda e dos três irmão antes da música, que com a música nós encerramos, né.

Carlos Brandão – Se a Alda falar por mim, a gente sai ganhando.

Alda – Não! Fala aí Carlos.

Carlos Brandão – Gente, é...já tá terminando...é...uma palavrinha mesmo. Vocês devem ter visto...é...principalmente aqui nessa...nessa rudia aqui do pessoal que ficou mais à volta dos três irmãos que foi muito tocante. Nós já tínhamos vivido a experiência de um encontro na casa do Oscavu há algum tempo e denovo esse reencontro. Eu acho que do que fica existem duas coisas que dão o que pensar. A primeira é o seguinte: o quê que pessoas quando querem, vindas de tantos lugares, o quê que elas criam que quarenta anos depois ainda é tão forte na vida de todos nós, presença de cada um e de todos, o carinho que a gente se encontra. Eu digo isso porque às vezes eu me espanto de conversar com alunas minhas de UNICAMP, que três anos depois vão ao cinema com quem foram os colegas de turma; parece que tudo é tão passageiro, tão efêmero, tão sem raízes. Quando o MEB fez, o ano passado, quarenta anos, foi por cada que liam o livro que me pediram..é...uma crônica e eu escrevi uma folha de duas páginas, e eu dizia exatamente isso, ao invés de falar de questões políticas ou pedagógicas, as outras pessoas falavam isso, eu falei desse movimento do amor, desse movimento afetivo que durante muito tempo foi vivido debaixo de muito sofrimento, de mortes, de torturas, de exílios, de pessoas que perdera muito, às vezes a própria vida em nome disso aqui que foi cantado nesses dias...nessa noite. E a outra coisa que eu queria dizer à vocês, não é, é que muitas vezes, quando a gente fala da riqueza do povo brasileiro, eu vou dizer a vocês que eu ando pra todo lado e eu impressiono muito, é muito difícil a gente encontrar qualquer outro povo tão criativo, tão inovador, que é capaz de tirar do nada, de uma vida pobre, de sofrimento, tanta beleza, tanta magia. Eu acho que essa noite nos ajudaria saber um pouco mais de vivência que isso não é nenhuma retórica, nenhum papo furado, que...é...nos infinitos lugarezinhos, chamados Goianira, Inhumas, por esse Brasil afora, existem pessoas assim, pessoas assim. Essa é a grande riqueza desse país. Quando a gente fala, por exemplo, do programa do Catelã de raízes goianas, de gente da terra que isso, às vezes, parece coisa tão do passado, tão antiga,tão fora de moda, eu acho que, sobretudo hoje, isso deveria estar presente na nossa vida mais do que nunca, mais do que nunca. Eu me emocionei de saber que uma menina de nove anos é capaz de escrever, num lugarzinho de Goiás, uma coisa tão bonita.

Jadir – Alda, a sua despedida por hoje, né.

Alda – Por hoje, né.

Carlos Brandão – Por hoje!

Alda – É. Olha Jadir, acho que quando a gente tem uma platéia dessa desejando ouvir histórias, desejando ter essa partilha que a gente tá tendo aqui agora, acho que dá um

sentido muito grande de esperança, acho que a gente tá vivendo um momento forte, né, um momento aí de escolha de dirigentes e tudo mais, acho que a grande marca é a esperança. Eu acho que um momento como esse marca para todos nós a possibilidade de tá realmente construindo um país, né, que tenha dignidade pra todos à medida que a história é retomada, as raízes são retomadas, né, pessoas com sensibilidade pra ouvir, desejo, né, e esse desejo tá expresso aqui na presença de vocês, dá alegria muito grande pra gente. Eu tô saindo daqui hoje assim renovada! Obrigada.

Carlos Brandão – De alma grande!

Jadir – É, Oscavu, foi bom, né, contar histórias, né! Mas sobraram algumas, né, pra outra vez, né.

Carlos Brandão – Sobrou quase tudo!

Jadir – Mas por hoje já tá bão, né?

Oscavu – Tá bão. É...eu queria só dizer que pra mim foi um prazer muito grande a presença de todos vocês aqui. A gente tem sentido prazer muito durante essa caminhada da gente. Então cada encontro da gente, cada evento que a gente participa é mais uma alegria pra gente. E queria dizer pra vocês também que ali está o meu livro e no meu livro não tem nenhuma história inventada, eu apenas escrevi, e escrevi aquilo que eu participei e companheiros meus, então não tem nada assim inventado não, é coisa acontecida mesmo de um longo trabalho, com sofrimento muito grande e que a gente às vezes mostra mas que vocês que não tiveram conhecimento da história não sente igual à gente. Eu tenho uma mu...uma letra aqui que fala vida de carreiro, então nessa vida de carreiro quantas dos carreiros que morreram e eu vou tentar ver se eu vivo! Agora eu tô dizendo isso por quê? Mas eu tô falando de carreiro que morreu aqui olha, sent...deitado nesse colo sem ter uma colher de chá porque o que tinha eu já tinha dado, ainda (?). Ainda é muito doído pra gente e muito satisfeito. Espero que vocês não venham passar por isso. E assim que achar que a gente tem...tem condição de botar alguma coisa pra gente pelo menos eu me coloco à disposição de qualquer pessoa que interessar a ouvir as coisa da vida da gente.

Jadir – Obrigado Oscavu. Parcial, parabéns pelo seu aniversário.

Parcial – Obrigado.

Jadir – Admiro chegar aos setenta e dois anos na nossa presença, é claro.

Parcial – Marcaram o meu...meu sete ponto um...marcaram mesmo! Maravilha. Pra mim é um dia histórico, porque vivendo a vida que a gente viveu, as dificuldade, um pedacinho dela que a gente contou era coisa dura, era muito mais dura, né, agora é muito mais fácil, mas conseguimos, né, a projetar, não financeiramente, mas no campo cultural, conseguimos. É...eu quero contar também, como disse o meu mano, né, eu levei ??, já fiz bastante dele esparramados, porque vocês tão aí, né, cursando os cursos de vocês aqui na faculdade, se necessitarem de alguma ajuda nossa ou que seja minha, tá, me procure, movimentos sociais, movimento dos sem terra, participei quinze meses do MST, fui coordenador estadual do MST, tive em Canudos, conheci as proezas da...da...do...do...do massacre de Canudos, ? ? ? agora no...no...é...no primeiro centenário do massacre de Canudos, eu estive lá assisti o encerramento. Eu tenho assim coisas que caso vocês necessitam, né, e tenho também noção da ? ? ?, muitas coisas escritas que eu trouxe aqui, e do MST e etc. Me procure que eu tenho grande satisfação que pra mim eu ainda continuo, né, alfabetizando, muito embora vocês não são, né, analfabetos, mas se precisar de mim...Eu tenho ainda a...o desejo, a disposição e a convicção de um aluno de ajudar aqueles que me procurarem. Muitos obrigado e até a próxima.

Jadir – Parabéns. José Coelho, como é que nós vamos encerrar? O quê que é a música? A sua...a sua despedida por hoje?

José Coelho – Primeiramente eu quero agradecer a...a esses companheiros que nos convidaram para promover esse...esse evento, quero agradecer...Agradeço muito ao Carlos Brandão mesmo lá na distância que ele tá, não esquece de nós, nem um só momento, que a gente descobriu...a gente descobriu que a simplicidade também tem valor, né, que o nosso nível é muito simples pra gente á no meio de um lugar que a gente sempre, de vez em quando vem aqui, não é a primeira vez, mas espero que a gente continue. No próximo encontro, a gente coloca à disposição do companheiro lá que se precisar de nós, de alguma participação nossa, nós tamo à disposição. E eu não quero perder muitos mais não, eu gostei e agradeço a vocês e a todos participar aí do (?) tempo pra nós. E eu quero agradecer também pelos presentesinhos, pelas lembracinhas que vocês me deram em nome do...em nome do (?), e nós vamo tentar cantar agora uma música, outra letra do Parcival, ele fala da nossa mãe..é... a idade que tá e a condição que ela vive, (?)

Jadir – Então, muito obrigado a vocês três, à Alda que veio ajudar a lembrar essas histórias, ao Carlos da casa e até dia dezessete de outubro então no quinto Fim de Tarde Rural por conta do Thomás.

Alda – Muito bom.

Jadir – Então a música de encerramento.

(falas incompreensíveis)

Parcival – No dia oito de agosto próximo passado, a nossa mãe completou noventa e seis anos, mas bem antes eu já havia escrito pra ela uma cançãozinha. É um tanto difícil cantar e a gente quase não canta, o mais, nós vamos mais balbuciar...(?)

“Meus filhos vejam que pessoa é aquela

Que passou lá na cancela sorridente vem pra cá

É uma mulher, a mais linda criatura, graciosa, bela e pura que Deus fez para nos dar

Meus filhos vejam seu caminho é oscilante viajando nesse instante para vir nos visitar

Mesmo velhinha é tão linda a camponesa que até mesmo a natureza se admira ao ver passar

Ainda me lembro quando o pai faleceu como essa mulher sofreu com seus filhos por criar

Naquele dia que ela perdeu o seu esposo foi um dia doloroso que nem quero aqui falar

Esta mulher com tantos cabelos brancos já sofreu tantos arrancos e venceu sem fraquejar

Eu agradeço pela barra já vencida, pelas noites mal dormidas pelos anos em cessar

O meu desejo é que eu tivesse agora mais conforto pra senhora viver sempre em nosso lar

A nossa casa apesar de pobrezinha, tem na sala e na cozinha com mil beijos pra te dar”